



MADEMOISELLE OTAVIA STROMP, uma das mais distintas tennistas portuguesas, durante um torneio realizado no Sporting Club.—(Cliché Demoties)

Lisboa, 30 de Junho de 1913

N.º 384

Artes e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Editor: JOSÉ JOHREY CRAVES  
 Redação, Administração, Off. Com-  
 posição e Impressão—RUA DO SÉCULO, 43

*Ilustração*  
 PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL  
 DO JORNAL  
 O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	4800
	Semestre.....	2400
	Trimestre.....	1800

# Para que = viver? =

triste, miserável, preocupado, sem a nor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão fácil obter FORTUNA, SAÚDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YALAO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELE — PARIS.



Seguiram. Fala português, francês, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Di consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO LARMO, 43 (sobre-le-a) — L. S.R.C.A. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

## O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

### Madame BROUILLARD

Diz o passado e o presente e pre diz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estado que fez das ciencias, quimicas, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem presidiu a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe realisaram.

MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL  
PARIS 1900



Um perfume fortissimo de inextinguivel aroma n'um frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

## SOIS BAIXA mas podeis crescer SETE CENTIMETROS em DOIS MEZES.

Basta consagrar 3 minutos cada dia ao

**GRANDISSEUR DESBONNET**, o maior descobrimento do seculo em materia de cultura fisica. Pode-se crescer em toda a idade como o prova a experiencia feita perante a Corporação Medica pelo professor Desbonnet que tem feito crescer diversas pessoas de 40 anos sete centimetros em tres mezes sem droga e sem nenhum exe ciclo perigoso de enforcamento. O aparelho e o metodo completo são enviados francos de portie ao domicilio contra remessa de quarenta fra cos dirigidos a Mr. Desbonnet, 48 (N), Faubourg Poissonniere, Paris (Franco).

Tem-se vendido este ano em Portugal mais de 15000 aparelhos. INGREDI-LOS seréis convencidos lendo o folheto explicativo illustrado (enviado gratis).



## Pedras para acendedores de METAL AUER legitimo

COM PATENTES DE INVENÇÃO

AS MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FAZEM

Grande sortido de acendedores e isqueiros

ULTIMA NOIDADE

O Acendedor TREIJSACH equivale a 60.000 phosphoros de eterna duracao sem mecanismo. Nunca muda de pedras. Não falha.

Manda-se a amostra pelo correio desde que se envie a importancia de 3 pesetas, ou 600 ré.s.

Dirigir toda a correspondencia a

EUGENIO LAMPARTER, Sevilla, S.<sup>ta</sup> Anna, 9

HESPAÑHA (Unico representante)



# ALEXANDERWERK

## MAQUINAS E UTENSILIOS DOMESTICOS

### PARA CASA E COSINHA

Maquinas para picar carne e legumes, Sorveteiros, Balanças domesticas e para pesar pessoas, Raladores para amendoas e pão, Molinos para café, Pressas para extratos, fruta e limões, Maquinas para limpar facas, etc. Pressas para copiar, de ferro fundido ou forjado.

ALEXANDERWERK, A. von der Nahmer, Soc. An. Remscheid (ALEMANHA)

(2.000 operarios e empregados)

A venda em todas as boas casas de ferragens e utensilios domesticos

Representante: F. ISSEL—LISBOA



# Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

## LIVRARIA CATHOLICA

Fundada pelo fallecido sr. JOAQUIM ANTONIO PACHECO

220, Rua Augusta, 220, 1.

TELEPHONE 2089

Artigos religiosos, Imagens, Crucifixos, Souvenirs, Beneditos, Livros de missa, Rosarios, objectos proprios para brinques, etc.

## Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## CRONICA

N.º 384

30-6-1913

### ESTRANGEIRO:

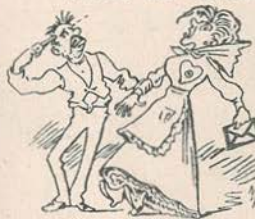
Além da eterna questão balkanica, reduzida n'esse momento a uma disputa de corvos sobre o torax d'um cadaver,—dois grandes factos agitaram esta semana a consciencia européa: na Inglaterra, o «Panamá-Marconi», inevitavel escandalo que envolveu dois ministros e que a camara dos comuns se acaba de liquidar prudentemente; na Alemanha, a prohibição violenta da peça de Hauptman, — «1813». Loyd George e Rufus Isaac, attorney geral, foram accusados de se ter aproveitado da sua situação de ministros para comprar



10.000 ações da companhia Marconi americana, em relações directas com a Marconi inglesa que acabára de negociar um contrato com o governo da Grã-Bretanha; o autor do *Sino Merulhado* e dos *Tecelões*, hoje o primeiro poeta da Alemanha, foi accusado pelo Kronprinz de exaltar demasadamente a gloria de Napoleão, e pelo cardeal Kopp de ofender os sentimentos religiosos da população catolica da Silésia. O ato dos dois ministros ingleses feriu apenas a nobreza incurritiva das tradições parlamentares britannicas; a accusação lançada contra Hauptmann atinge alguma coisa de mais sagrado e de mais inviolavel: a liberdade do perseguido moderno. Por isso a opinião mundial, que pallidamente se interessou pelo «Panamá-Marconi», vibra ainda perante a attitude insolita do Kronprinz e do cardeal Kopp, da *Deutsche Tageszeitung* e da *Gazeta da Cruz*, que na culta Alemanha, na Alemanha propulsora da filosofia da historia, não hesitaram em condenar uma obra-prima, só porque essa obra revelava, com flagrante exactidão, a verdade historica. Decididamente, a consciencia alemã está ainda em pleno Luiz XIV.

### O «FILM» E O CRIME:

Tem occorrido ultimamente uma serie de crimes passionaes, reductivos todos a esse mesmo tipo: um homem mata a tiro a noiva ou a amante e tenta suicidar-se em seguida. Cada um d'esses crimes é, manifestamente, a suggestão e a reprodução d'um crime anterior a que se deu demasiada publicidade, — e todos eles resultam da influencia de leituras nocivas ou de perigosos films cinematographicos sobre espiritos fracos, facilmente excitaveis e essencialmente imitativos. A influencia do animatografo sobre a criminalidade está-se accentuando, por toda a parte, de uma maneira assustadora. O cinema,



com a literatura policial, são hoje a hiper-fantasia e a erudição do crime, nas suas formas mais convulsivas e mais impressionantes: por conseguinte, perfeitas escolas de criminosos e admiraveis agentes de suggestão. Ainda ha pouco, em Par.s, uma circular do ministerio do interior, de 9 de abril ultimo, reconhecendo a acção funesta dos cinemas, prohibia a exhibição de films animatographicos de crimes, de suicidios e de execuções capitales. Não seria tempo de adotar identicas medidas em Portugal?

### OS CONFLITOS DO PORTO:

Depois da questão dos estudantes de Coimbra, — surgiu a questão dos estudantes do Porto. A primeira realisou a modalidade anacronica da guerra contra o fruticra; a segunda reveste o caracter mais grave da guerra contra o lente. Ignoro a justiça que possa haver nas reclamações dos estudantes da Faculdade de Medicina; mas, em principio, não me parece deferavel o processo adotado para fazer triunfar a sua causa. O professor, como todos os intermediarios, como o comerciante e como o padre — diz Nitzsche — é um mal necessario. O melhor nunca é bom; — mas é indispensavel. Por peor que seja o professor, — o que está provado é que o discipulo não é o mais idoneo e, sobre tudo, não é o menos suspeito para o julgar. As condições que um



professor deve preencher para agradar aos discipulos, não são, rigorosamente, as que fazem o bom professor. Mas o que ha, sobre tudo, de lamentavel n'elas, são as discordias entre corpos docentes e discentes, — é o descrédito que, em todas as hipoteses, d'elas resulta para as respetivas Faculdades. E se esse descrédito prejudica os professores, entre os quaes, como no caso presente, pode haver figuras de indiscutivel prestigio, — não prejudica menos os discipulos, que não são, em ultima analyse, senão produtos da Escola que os formou.

### UM HOMEM:

Ha homens superiores que nos dão a impressão de energias explosivas, de enormes accumulacões de forças. José Maria dos Santos foi um d'eles. Ao seu esforço, cheio de audacia e de fé, as charnecas do Alentejo desentranharam-se nos olivaeos montes de Moura, nos sobreiros riquissimos de Serpa, na doirada vinha do Póceirão, — a maior de todo o mundo. Medico veterinario, este homem podia ter-se localisado n'uma profissão liberal, vendendo ou arrendando comodamente as propriedades que herdou. Não o fez. A terra, o mais remunerador de todos os capitales, atrau-o. N'um paiz como o nosso, paiz de vontades debeis e lentas, *onde*, como em todos os paizes latinos, se olha ainda para a agricultura como para uma profissão inferior, — o audacioso creador de riqueza que acaba de morrer, alma de anglo-saxão n'um corpo de Hercules realisa um exemplo digno de meditar-se e de seguir-se. JÚLIO DANTAS

# FÓRA DE CASA

(Cronicas de viagem)

ANO NOVO A BORDO

A refeição da tarde foi triste. Na casa de jantar, ainda decorada das bandeirinhas e das flores artificiais da *Christmas Night* as cinco escasas dezenas de passageiros de primeira jantaram quasi silenciosamente, perdidas as frouxas

moeu-nos primeiro o ouvido com o resabido dueto do *Conde Luxemburgo*. As seis glabras figuras de inglezes fabricantes de barulho deram-nos depois uma d'aquellas alegres canções da sua terra, ingenuas e cheias de movimento, em que as no-



conversas no rumor dos pratos e no remoinho monotono dos ventiladores. E' domingo. Deixamos de manhã Pernambuco e teremos de caminhar oito interminaveis dias para chegar á Madeira. No salão de cima, o inevitavel sexteto

tas altas do piano, — *girls* erdiabradas, — dançam uma giga, enquanto os sons graves do violoncelo parecem beber cerveja, fumar cachimbo e dizer gravemente, abanandea cabeça: *Well, well.*

• Ao fundo da casa de jantar, quasi escondidos debaixo da escadaria, está o par que me encarta e que eu observo: o portuguez e a mulata. São marido e mulher. Pelo menos por tal se dão, que a lista dos passageiros assim os indica: *Mr. and Mrs. A. . . . L. . . .* Ele é macilento e queimado pelos anos de trabalho e pelo sol homicida. Ela é mulata, d'aquelle genero de mulatas truculentas da Bahia, forte de seios e de labios, as ancas retidas e os dentes marchetados de ouro. Embarcaram em Pernambuco e, ainda se não atreveram a subir ao convez e a entrar no salão.

Ele—advinho-o—tem vergonha de a mostrar.

Aquela mulata que foi o seu encanto nas horas do exílio e da labuta, *creada obediente* e companheira de cama, fiel, robusta e ardente, ele tem acanhamento de a trazer à luz elétrica, à presença dos *delects* e dos *smokings*, mulata como é, vestida como anda de cor de rosa, com uma fita branca no cabelo crespo e farto. E ficam então todo o dia no patamar do segundo pavimento, ele lendo um velho livro e mirando de soslaio quem passa, ela encostada à amurada, vendo o mar sempre desesperadamente igual, enquanto para lá, para o sul, para o rumo inverso daquele que levamos, fica o seu Brasil terra d'amor, mordida sensualmente pelo sol, clara, uberrima e quente. Cismará ela n'essa Europa onde a helice a leva, terra desconhecida onde será uma desenaizada, uma perseguida pela hostilidade de frio que a ha-de regelar e dos olhares que os hão-de escarnecer, a ela e ao seu vestido gomado de musselina rosa? Coitada! A' hora da refeição, mal se ouve o tinir dos pratos, eles avançam pela casa de jar tar. Vão instalar-se a coberto n'aquela canto debaixo da escada e, ali, ele como rapidamente, d'olhos baixos, envergonhado, com medo que entrem as *outros*, os bem vestidos, os que se curvam sobre *espaldas* nuas de mulheres brancas e perfumadas.

Ela, com uns grandes olhos, mira aquilo tudo, arreáda as mãos dos garfos complicados como armadilhas e come pouco. Onde estão os seus pratos comezinhos e habituaes onde a pimenta escaalda, e aquele seu pirão que se amassa com os dedos e se come em bolinhas? Depois aquele inglez barbaço que lhe passa os pratos, sem um olhar sequer, insolente na sua farda de *stewart*, creado humilhado por ter que servir uma negra... E jantam rapidamente para voltarem para o seu canto. Mal se levantam, ele sobe depressa, sem esperar por ela, que busca alcança-lo, em passos meudos e rapidos erguer do a sala e mostrando as chinelas bahianas, dentro das quaes tão folgadas andam os pés que se vão submeter à tortura do calçado europeu.

Terminado o jantar, os *smokings* acenderam os charutos, as *échaupes* *vallelées* enrolaram-se em volta dos colos nus e começou aquela volta tradicional de digeção em torno da primeira ponte, em que os passeiantes se cruzam ou se perseguem sem dizer palavra, enquanto a lua nascente semeia sobre o mar escamas de prata, o *steamer* trepida e um traço de espuma branca marca ao luar a nessa marcha.

Passada uma boa meia hora de passeio, enquanto o *bar* os viajantes francezes bebericam um alcool qualquer, formam-se os grupos do costume. No emtanto, ha hoje uma desusada animação. De quando em quando os ranchos interpellam-se. Que se projeta? Indago. Simplesmente isto: esperar a meia noite para assistir à entrada do Ano novo.

Sósnho, no extremo da primeira ponte onde subi para fumar um *tres castelos*, lembro-me então que, dentro de algumas horas, um novo ano vae entrar, semelhante aos outros no giro imutavel do tempo, mas cheio de esperanças para todos nós que air da as podemos ter. Que vão ser esses doze mezes? I difererets, vulgares? Cortados de alegrias ou marcados por alguma tragedia?

Definitivos, assinalados por um grande acontecimento: uma inesperada agonia ou uma inculcada ventura? Ronceiros, arrastados, sem uma data que se guarde e um dia que se recorde? Quem sabe? Quem o sabe?

Desço então à segunda ponte. Junto da dama misteriosa, a dos grandes olhos languidos e dos gestos harmoniosos, tres ou quatro charutos, prestes a apagar-se, conversam e procuram agradar áquela palidez simpatica, áquela magreza nervosa que, quando caminha, parece querer voar no arredondado gracioso dos seus braços, no calmo estender das suas mãos esguias, no leve pisar dos seus pés calçados de branco. O bando das tres *brazileirinhas* bonitas—que faceiro sinalisto tem a mais nova ao cart da boquinha *mot-jadora*!—atraiu a gente nova de bordo. O alemão-sito dos oculos redondos que tem um colete roxo, o estudante da *Cambridge's University* que passava antes de almoço com o seu *pujana* universitario, o filho magro e loiro d'aquella senhora paulista gorda e morena, todos os franganotes emfim, volteiam cerca das tres franguinhas inocentes, que cacarejam assobiando dengosamente os *SS*. O engenheiro do Rio-Grande e sua americana senhora passeiam dando a duocentessima volta ao convez. O francez da barba longa, que namora



todas as mulheres e tira de manhã retratos com um *kodak*, ri de parceria com dois ingleses graves, da historia que conta a do *scanho* branco, transfuga *divette* d'um qualquer *casino* de Buenos Ayres. No salão de leitura ouve-se de movo a orquestra tocando aquele eterno, velho e lindo *j'ai tant pleuré pour toi*. Irresistivelmente todos convergem para as poltronas vastas como um leito e para os *magazines ingleses*, sempre os mesmos, sempre circumspectos e convenientes. A ingleza magra dos oculos, que leva a vida flirtando com os officaes de bordo, vem subindo a escada, fantásticamente magra, cadavericamente ossuda, de olhos estupidamente azues por detraz das lentes debruadas de ouro.

Não ha que ver. Ninguem se deita á espera da meia noite. O comandante com a sua jaqueta de linho branco, um coral no peitilho lustroso e folhas de loiro bordadas na sua *casquette*, passa solene e senta-se junto do *doctor*, medico sem ambições, atrado pela vida para aquele giro constante de Southampton ao Rio da Prata e condenado a extrair diariamente do seu frasco maior seis pilulas para inglesas com prisão de ventre.

Anuncia-se silenciosamente um grande acontecimento. A argentina vae cantar. Aquella senhora gorda, *maquillée*, tão vasta nos seus aneis *maquises* e no seu colar de perolas, a mãe d'aquelas duas impertinentes meninas: uma loira até á violencia, a outra morena até ao exagero, vae cantar. *Theatralmer* t3, de costas dadas ao piano, enquanto uma das filhas preludia, ela mira o auditorio e rompe fogo. E' o *rissi d'arte, rissi d'amore*... Meu Deus, como isso é batido, velho e relho! Ela canta, com um abanar de cabeça quando a melodia é mais cantante, com um enclavinhar de dedos no ebanho polido do Pleyel quando chega a *nota*, aquela *nota* que ha em todos os trechos de musica, a *nota* para a qual os cantores cantam, a *nota* emfim. Dada ela, curva-se ante os aplausos *sono-*

lentos e delicados que surgem do fundo das poltronas. E insis-te a malvada. Agora alicia a cumplicidade do sexteto em peso. Distribuem-se papéis para as varias estantes e adivinho ás primeiras. E' a *Avé Maria* de Gounod. Ainda?

Ao meu lado sentou-se aquele garoto insuperavel, que leva as manhãs atirando ás pernas dos que preguiçam nas cadeiras de bordo as rodellas de pau com que os inglezes praticam os seus desvarios desportivos. O gaiato fala hespanhol. Deve ser argentino. Pergunto:

—*Quin es la señora que está cantando?*

—*Mi madre señorito.*

Olé! E eu que queria desabafar, ao menos com aquele moscardo, e dizer-lhe que aquella madama é intoleravel, que tudo me aborrece n'este paquete onde viajo só, desde o rumor da maquina até ao criado italiano que me serve á meza e me pergunta a cada momento: *No le piacez*, desde a incomunicabilidade voluntaria dos inglezes antipaticos até á monotonia do mar, maravilhoso no primeiro dia, insensivelmente triste no segundo, enervante por fim até ao paroxismo no terceiro e restantes, a tal ponto que uma nesga de terra que se aviste no entrar das escalas, um barco que passe ao longe, uma baleia que apareça me encham a alma de consolo.

Mas *la madre* do menino soltou o *Amen* da sua *Avé Maria*. São dez e meia. Que fazer até á meia noite? Cs franganotes conciliabulam e teem uma ideia. O *captain* consultado diz que sim. Cs musicos carretam os instrumentos. Vão dançar enquanto não chega a meia noite. E, do lado do bordo, um creado vae semeando de resina as taboas estrelinhas do convez. A gente nova espera, com fingido alvoroco, que o sexteto entre n'um accordo de completa afinação. Pessoas ponderadas e graves arrastam cadeiras para em torno do quadrado de baile e outras emigram para um *bridge no bar*.

A linda misteriosa dos olhos cisma-dores continua ouvindo chilrear a sua crête. Das bandas da segunda vem os sons d'um fonografo. Aproximome interessado e sorrio. E' um disco brasileiro: um d'aqueles curiosos *chôros* de cavaquinho e violão, indispensaveis n'um bailarico da cidade nova. Ah! Como aquele velho do cavaquinho repenica os seus trinados! Parece-me ouvir ainda o arrastar dos pés na polka girada e ver o rosto das moças, mes-tiços e suados, pendidos um pouco ao lado, enquanto as ancas bamboleiam um tudo nada no passo honesto do baile familiar.

N'uma banca do *bar* dois francezes jogam as cartas e ouve-se um d'elles anunciar o jogo:

—*Quarante sept de point. Tierce majeure. Trois valets...*

O sexteto rompeu uma valsa e seis ou sete pares rodopiaram sobre a resina do convez. Pararam para recomençar d'alá pouco n'um *two-steps* mais agitado, mais vivaz. Os ponteiros vão andando, andando. D'alí por um pedacinho, varios sacando dos relógios, verificam que vae dar a meia noite. Todos se reu-nem no

local da dança. O comandante surge acompanhado dos seus officiaes. O momento aproxima-se. Cada qual tem o relógio na mão e vae dizendo as horas que ele marca. A este falta um minuto. A'quele minuto e meio. A bela langorosa, a cabeça envolta n'uma gasa verde, ergue para a luz o braço direito onde, n'uma pulseira de ouro, um relógio minuscuro se agita e palpita. De subito o relógio da popa marca a meia noite, o marinheiro de serviço vae á sineta e pausada, ritmicamente dá as doze badaladas. A musica rompe uma canção ingleza de ano novo, musica tradicional que todos acompanham em côro, dando as mãos e simulando o badalar d'um sino. A canção termina. O capitão tira então o seu *bonet* doirado de folhas de louro e grita:

—*A happy New Year!*

Todos gritam em côro:

—*A happy New Year!*

Da segunda e do convez dos tripulantes chegam exclamações eguaes e, pausadamente, como se arrastasse o março secular das grandezas de Inglaterra, o *God save the King* faz a sua entrada.

N'um canto afastado descubro-me maquinalmente. Espero que todos tenham terminado de desbejar em côro a salvação da sua Graciosa Magestade o Rei Jorge V e assis-to depois á debandada geral, enquanto vão morrer na agua os ultimos fogachos de artificialo com que por ambos os bordos o *Avon* saudou o Ano Novo.

A quinze metros do ponto em que me encontro todas as mãos se apertam. Cruzam-se as saudações em inglez, em francez, no hespanhol dos argentinos...

—*A happy New Year!..... Thank you!*

—*Bonne et heureuse!..... Merci, égalment!*

—*Um año feliz!..... Gracias!*

Desço então para a minha *cabine* seguindo o corredor exterior que vae dar ao patamar da mulata. Lá está ella, sempre de côr de rosa, mais o seu homem, sempre macilento e triste. Não se deitaram e tambem esperaram o ano novo. Ella, com um vago sorriso que lhe descobre o ouro dos dentes, vê vair na agua as faulhas e as estrelas do fogo de vista e tem no olhar todas as ingenuas curiosidades d'uma creança.

Ele contempla a agua prateada do mar e parece arrependido, com vontade de voltar para traz, ainda que seja a nado.

Cruzo-os e digo n'estes portuguez que só nós outros, eu e eles, falamos a bordo:

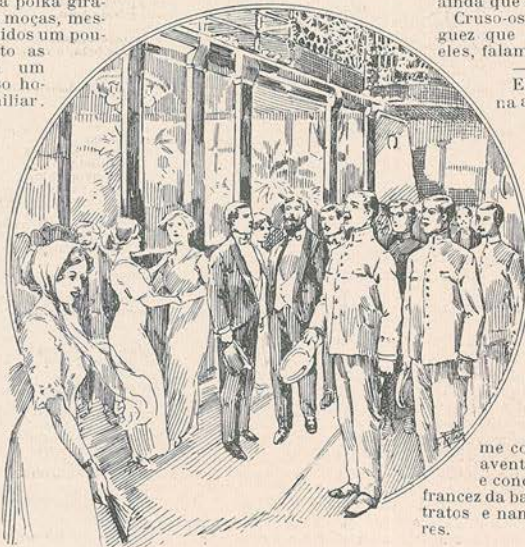
—*Um ano muito feliz!*

Ella nem tuge, elle inclina a cabeça. Eu entro no beliche e vou deitar-me sobre o divan. Pela vigia descortino no ceu a lua que tem assitido a tanto nascer de ano novo e que já se não interessa com todas as nossas misérias. E cheia como a cara da mulata e branca como os braços da mulher misteriosa, a dos grandes olhos languidos e dos gestos harmonicos, cuja magreza nervosa parece querer voar quando caminha e que afinal segundo

me conta o *steward*, era uma aventureira de Montevidéu e concede as suas graças ao

francez da barba longa que tira retratos e namora todas as mulheres.

ANDRÉ BRUN.



# Em Fragrante

Manhã de abril, ideal!  
Pelos frescas e flácidas alfombras  
d'aquêle firmoso val,  
entre perfumes, sempre—e entre sombra,  
vi eu essas rosellas recatadas,  
rosellas misteriosas,  
deixando adivinhar que coisas ignoradas  
podem dizer-nos as rosas!

Meio escondida, só, e toda branca,  
uma pendia da agitada haste!  
Quão longe estava da alegria franca  
que vem de ti ó vida que a geraste!

Puz-me um momento a contemplar a pobre;  
é, como alguém que descobre  
um amigo em terra estranha,  
percebi-me ouvi-la murmurar baixinho:

«Feliz quem fez o seu ninho  
bem alto, em plena montanha;  
nunca lá chegam os gritos  
dos desgraçados;  
os queixumes infinitos  
das bocas dos namorados...  
Não sabe as tristes historias,  
como esta que é de ha bem pouco,  
fecho de lutas inglorias  
d'um moço coração louco.  
Roubada por outro amor  
a linda amiga que escolhera um dia,  
cheio de espanto, mergulhado em dôr,  
pediu á morte a alegria...  
E veio aqui, entre soltoes brandos,  
confiar, descobrir o seu segredo...  
Soprava mansamente o arvoredo,  
ele increpava os tempos miserandos  
que vivera a sofrer, a sentir, a sonhar...  
Rosa, eu stuvizava, embalsamava o ar,  
acalmei-o tambem.»

Isa a continuar; mas subito calou-se;  
vinha chegando alguém,  
n'um vago deslizar curcioso e doce...  
Quem quer que foi, seguiu e a rosa alvinitente,  
tudo entendendo,—como o entende a gente,  
contou que elle a fitára, os olhos rasos d'agua;  
e, sem descansar sequer, a vibrar, a tremar,  
dissera a sua magua...  
Curvara-se depois; e, fôr, podera vêr  
beijá-la o triste, com um ar tão casto,  
como quem beija uma irmã;  
e nem no ceu sem fim, nem pelo mundo vasto,  
alma passou mais pura, e mais bela, e mais sã...

Em voz quasi sumida,  
dissera-lhe ainda, o quê? Não pôde descobri-lo...  
E foi-se d'esta vida,  
simples, feliz, tranquillo...

Misteriosamente a rosa enrubescer  
n'uma petala ó, que ao fim se desprendeu...  
Ela ficou, porém, branca, imaculada,  
e a petala desfeita, e como que arrastada,  
lá levou para longe uma gota de sangue,  
talvez d'uma ilusão, talvez d'um sonho exangue...

Quem é que sabe ao certo o que uma fôr padecer?  
Quem ouve a sua queixa e escuta a sua prece?  
Acaso o vento, ó chuva,—ou porventura um raião  
do sol fecundo e forte?...  
Um suave deliquio, um divino desmaio,  
antevisões da morte,  
eis tudo o que desventa o nosso olhar profano,  
ficando sem descanso o mesmo eterno engano...

Hora ideal de abril! A amiga encantadora  
passou agora ali, n'aquêle vale umbroso,  
que a luz a espaços doura;  
é como que a sorrir, n'um gesto gracioso,  
perou, olhou, e viu, a balouçar-se ainda,  
a rosa que se erguia em seu ligeiro hastil...

Que coisas lhe diria a fôr tão fresca e linda?  
Uma historia de amor? Um segredo subtil?  
Fatur-lhe ia d'ello—o pobre visionario?  
Não sei; apenas vi que as duas se entendiam  
E—mundo estranho e vario—  
figurou-se-me até que enquanto se fitavam,  
as folhas de uma tremiam,  
os olhos d'outra choravam...

AFONSO VARGAS.



Ilustre poeta sr. Afonso Vargas

# Batalha naval de flôres

apesar de ser a primeira ali realizada, o seu exito não podia ser mais brilhante.

Aqueles que se retrairam um pouco em tomar parte n'essa festa, concorrendo tambem com os seus barcos enfeitados, com receio do exito, ficaram certamente animados a entrar n'outra batalha que se dê. O produto da festa destina-se à construção de uma carreira de tiro. A assistência foi numerosissima.

Era deveras curiosa a variedade de barcos que a transportava, havendo entre os que tomaram parte na batalha alguns de um belo efeito, pelo seu feitio e decorações, que despertaram esivo entusiasmo.

Ao distincto fotografo amator, sr.



Ponta Delgada, a grande e formosa cidade açoreana, tão querida do turismo como toda a ilha de S. Miguel, cheia das mais surpreendentes belezas naturaes, teve uma festa originalissima. A illustre officialidade do regimento de infantaria n.º 26 promoveu uma batalha naval de flôres na vasta bacia da doca e,



João Joaquim da Costa Junior, agradece a *Ilustração Portuguesa* o poder dar aos seus leitores uma impressão do que foi a primeira batalha naval de flôres no porto da capital açoreana.



1. Barco dos pilotos, que representava um tubarão,
2. O barco dos officaes do 25 de infantaria, que representava um castelo,
3. Os barcos tubarão, castelo e fôca, na batalha.
4. Barco da Sociedade União Micalense, que representava um pato.





# O circuito do Minho

O circuito do Minho, prova desportiva que muito tem interessado o laborioso norte, teve a sua consagração com a distribuição dos premios e com a exposição dos esplendidos automoveis e aparelhos que n'ele



fomaram parte e que se realizou no grande salão do Palacio de Cristal.

Como se sabe, o circuito do Minho atraiu todas as atenções, causará sensação, levára para a Vilarinha, d'onde partiram os corre-



1. O júri que presidiu á distribuição dos premios.—2. Sr. Antonio Casal, 2.º premio (1.ª categorial em *Minerva*, na passagem em Braga.—3. Sr. Cincinato da Costa, 1.º premio na prova das velocidades em *Tarçat-Mery*.—4. O primeiro automovel que chegou a Braga, guiado pelo sr. Benedito Ferreirinha.—5. Distribuição de premios aos concorrentes, na nave central do Palacio de Cristal.

dores, uma grande quantidade de povo, sendo também enorme a concorrência nos tramways do Minho e Douro e havendo verdadeiras multidões na estrada da circumvalação.

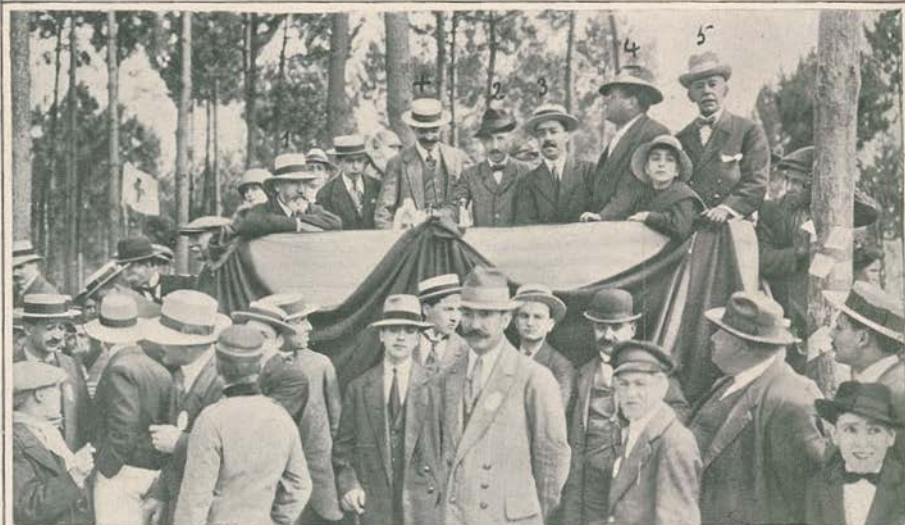
As cidades de Viana do Castelo e Guimarães, assim



Sr. Alberto Fernandes, 1.º premio em bicicletas (fracos).—2. Sr. Inocencio Pinto 1.º premio das motocicletas (fortes) na chegada á meta.

tuiam na verdade excelentes motivos para se disputar valorosamente em todos os campos a vitória.

Automobilistas, motociclistas e ciclistas, não se pouparam e, d'áí, todo o brilho e brilho desta festa, cujos resultados foram os melhores,



3. O júri das corridas: 1. sr. Eduardo Vilares. 2. sr. Mateus d'Oliveira Monteiro. 3. sr. Fernando Ermida. 4. sr. Antonio Guimarães. 5. sr. Alvaro Ferreira e o sr. Armando de Brito + da União Velocipedica de Lisboa.

como a vila de Monsão, ofereceram preciosos premios que, juntos aos das outras localidades, e ao do «Jornal de Noticias,» que promoveu a prova desportiva, aos de empresas automobilistas e de particulares, consti-



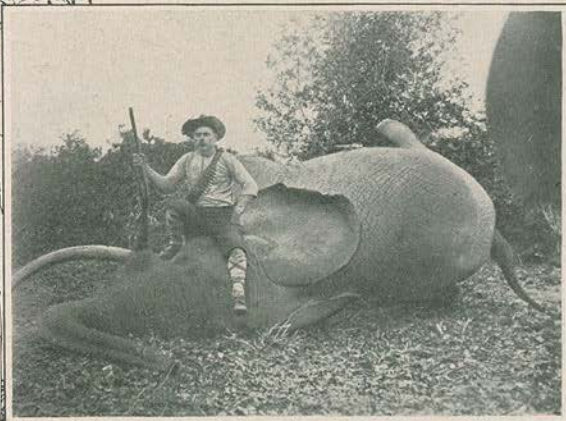
tendo cabido os primeiros premios a distintos «sportsmen» já conhecidos por outras provas de igual dificuldade, para as quaes são necessarias qualidades que sobrejamente os concorrentes mostraram possuir.

4. Sr. Joaquim Gonçalves, 1.º premio de motocicletas (fracos).—5. Sr. Carlos Fernandes, 1.º premio em bicicletas (fortes).

# A MORTE DE UM ELEFANTE

Vivia ha anos nas matas de Mutolo ou Baia, jurisdicção da circumscrição de Icolo e Bengo, um elefante já muito velho. Em tempo atra-

tro. Organisaram-se umas poucas de «expedições» contra o gigante; mas sempre desastrosas. Cinco indigenas, dos melhores caçadores, foram horrorosamente vitimados por ele. Os povos da região tinham desistido de lhe dar caça e suportavam sob uma indizível pressão de terror todos os estragos que a ferra lhes fazia, dando-se já por muito satisfeitos por ele contentar-se com as batatas e com o milho e não se atirar ás suas choupanas e esmagal-os.



Elefante morto no interior de Icolo e Bengo pelo caçador dinamarquez Carlos Larsen, vendendo-se sentado sobre a presa o mesmo caçador.



Carlos Larsen, que matou o elefante em Icolo e Bengo, sentado na cabeça do mesmo, tendo na retaguarda o pessoal que o acompanhava onde se vê uma indigena que fez a travessia de Moçambique para Angola, na qual gastou mais de 3 anos, e que tomou parte em diversos ataques contra o gentio, destacando-se pelo seu sangue frio e ótima pontaria.

vessara ele com outros o rio Quanza, interrando-se estas nas matas de Quicama, onde ainda vivem, desgarrando-se o outro para as do

Mutolo, por motivos que seria curiosissimo saber, mas que não ha intuição humana capaz de desvendar.

O velho animal instalou-se na floresta, como n'um forte inexpugnável e tornou-se o terror dos habitantes do Baia, que estremeçiam ao sentil-o como se se tratasse d'uma alimaria apocalitica caída n'aquella região para os aniquillar. Por onde ele passava deixava os destroços de um furacão; terra que ele talasse ficava assolada como se por ela passasse uma horda de vândalos famintos. Nos campos não deixava medrar nada; derretia as lavras do milho de um dia para o ou-

ta, coleando-se ás vezes no chão como uma serpente, chegando ao alcance do tiro e, quando o monstruoso animal lhe voltava a tromba n'um movimento de desconfiança, partem dois tiros, serena e intervalados, certos. A primeira bala, o elefante estremeceu apenas; mas a segunda deu um salto horrivel, ferido em pleno coração.

Ainda não caiu, porém, e galgou com um desespero titanico para o ponto d'onde haviam partido os tiros. Cs pretos carregadores, que acompanhavam o sr. Larsen, puzeram-se em debandada, cheios de pavor, largando as espingardas pelo chão. Só o caçador intrepido estacava vigilante, de carabina apontada, mas na certeza de que não era necessario disparar novo tiro porque o animal fóra ferido de morte. Efetivamente a sessenta passos da sua marcha louca, o elefante tombou com todo o peso da sua enorme massa, produzindo um estrondo inaudito que acordillo pelas selvas ecos estranhos. Estava morto.

As pontas media m 2 metros de comprimento e pesavam uma 25 kilos e a outra 22. Cada uma das orelhas media 1<sup>m</sup>,40 de comprimento por 1 metro de largura. A circumferencia do corpo era de 7 metros; pesando talvez mais de 4 toneladas, ou sejam 4.000 kilos; a tromba media 2 metros.

O sr. capitão Silo de Brito Rebelo, administrador da circumscrição, que prestou todo o auxilio preciso ao sr. Larsen, depois de ter recebido a noticia no domingo ás 15,5 horas, partia pouco depois para o local, que fica a cinco horas da sede, e ali tirou diversas fotografias do animal e do caçador, as quaes apresentamos aos leitores da «Ilustração Portuguesa».

O sr. Larsen diz que existem na Quicama duas grandes manadas de elefantes, tendo ele em 1911 apanhado uma cria viva de um elefante e duas



Elefante morto no interior de Icolo e Bengo pelo caçador dinamarquez Carlos Larsen, vendo-se sentado na cabeça o administrador da circunscrição, capitão sr. Silo de Brito Rebelo, de quem são os clichés que acompanham este artigo

crias de bufalo que infelizmente morreram em consequência de ter sido atacado pelo gentio da Quicama, e tendo-lhe fugido os carregadores ficou 36 dias abandonado, valendo-lhe um negociante de Benguela Velha que veio com a sua gente livral-o das garras d'esse gentio. A Quicama é abundante de caça e foi recomendada pelo caçador ao governo geral que reservasse aquella região, não sendo permitido ali

caçar. Esta região, transformada agora em capitania-mór, vai ser confiada á direção do illustre capitão, sr. Silo de Brito Rebelo, que em julho proximo ali irá fazer um reconhecimento. Foi este official, filho do distinto e erudito general, sr. J. J. de Brito Rebelo, exonerado de administrador de Icolo e Bengo, devido ás suas instancias.

Cabiri, abril de 1913.

M. B.



Rio Bengo, visto da estação de Cabiri

# Recita dos Guntanistas de Direito

Cronica perdida...

Na vespera, quando a chuva parou, eu e o meu Amigo, Poeta, deitámos até ao caes na esperança curiosa de toparmos, entre as mulheres que o esplendor classico da récita de despedida chama e traz a Coimbra, aquela extranha desconhecida em cujo corpo e alma ineditos a voz do povo esculpira bazarismos de esvelteza e sedução suprema.

Tombava a das altas torres morenas, agora que a novena findára, as ultimas silabas de



1. Sr. Fernando de Barros—2. Sr. Afonso Rodrigues Pereira—3. Sr. Antonio Zorta e Costa—4. Sr. João de Magalhães Colação, autores da peça.—5. Sr. Luiz Pinto e Abreu, autor do Fado das Baladas.—6. Sr. Afonso Botelho, autor da letra da balada.—7. Sr. Bento Carvalho, um dos autores da musica.—8. Sr. Carneiro Curado, tesoureiro da comissão.—9. Sr. Caldeira Coelho, presidente da comissão.—10. Sr. Herculano Ferreira, secretario da comissão.—11. Sr. Almeida Cordeiro, secretario da comissão.

uma balada de bronze religiosa e vesperal. E as mulheres que os nossos olhos espiavam, foram passeando, processionalmente, por deante de mim e do Poeta, a sua estatuaría ora balbuciante, ora acadêmica, ora disforme...

Lembrei-me, porém, de que uma vã promessa me jun-gira ao encargo de cronicar o irrequitismo d'esses dois dias em que, na Cidade da lenda, grave, tranquila dona do tempo antigo, — a alegria passa das mo-



12. Sr. Estevam de Oliveira, vogal.—13. Um grupo de bailarinas.



ças que o dia de hoje espiritualizou e dos rapazes que em folias afogam a antesaude das horas descuidosas, que passaram. E lamentei, diante do meu Amigo, que a leveza de

d'aqueles mesmos que ainda não poderam sentir a pancada sêca, brutal, quasi fulminante, d'estas duas palavras: «nunca mais».

«Eu bem sei, continuava o meu Amigo, que a gravidade dos meus comentarios, tristemente conselheiraes, se perderia, na confusão de fotografias que hão de reproduzir o Rodrigues Pereira e o Quartim em «travesti» de bailarinas, se antes não fossem ridiculos no meio d'esse «mise-en-scène» claunesco d'uma revista com remoqueos e picuinhas a meio-pau, com Champagne, bebedeiras e orgias baratas... Mas eu não vejo nada d'isso, porquanto á minha Saude e ao meu Desejo não basta esse cenario somenos: e é assim que, ante a minha visão momentaneamente exasperada, estas mulheres, que nós vemos passando, todas teem bizarrices exquisitas que eu lhes espio—não tanto na plastica publicada dos seus bustos—como nos perfis de hetairas e nas almas de



Rainhas que a minha imaginação lhes empresta para que melhormente fechem a ronda de Graça e de Beleza, dentro da qual hade surgir aquella extranha Desconhecida de quem as vozes contam ter sido a um tempo Stelio, Perdita e Multidão n'es-

animo dos que, de animo leve, houvessem de ler os meus comentarios a esta festa em que o Riso é a mascara paradoxal da Tragédia,—me impuzesse a banalidade d'uma cronica onde, porventura, se perderão até aqueles minimos detalhes de côr e ritmo, com que os nigromantes da Fráse costumam iluminar as minimas impressões de dia a dia...

Ao que o Poeta me respondeu:

«—Se eu tivesse de escrever alguma coisa sobre um assunto que, como este, é para nós outros tão farta seára de emoções e sugestões, de modo nenhum traíria a minha maneira de ser artista; e assim procuraria dar bem a dolorosa tragédia que se esconde dentro da inconsciencia



sa Veneza-a-Veluptuosa que as palavras de D'Anunzio inundaram de Fogo e aonde, no dizer de alguem,



1. Minerva no seu traje terreno (Francisco Owen)—2. A pasta rica (Bartolomeu Frazão)—3. Dama da côrte de Minerva (Antunes de Lemos)—4. Menina casadeira (Fernando Matos Chaves)—5. Uma dama da companhia (Vicente de Carvalho)



1. O bufão (imitação de Ferreira da Silva, Domingos de Figueiredo).—2. Mulher da água fresca, Fernando de Barros.  
3. A arrufada, Carlos Sampaio.—4. Rapaz dos postaes, Manuel Reis.

ela tem semeado os delirios vespereas da sua moça fantasia...»

Já no caes rareavam os passeantes; e o meu Poeta calou-se, os olhos seguindo o vulto hieratico d'uma mulher de luto em cujo porte havia ancoes de realeza...

Nas escadas do teatro, gente de capa e batina, apinhada, ululante, entravou com

grunhidos ancestraes a nossa entrada; decerto não era a mesma gente que, na hora febril em que escrevo, ouvindo o zunido das balas, tem sangue de heroes e sêde de heroismos nas veias palpitantes.

Entrámos. Nos camarotes que o gosto de Brito e Silva armara em palanquins de torneio medieval, com cartas de bachareis tombando e longas espadas nuas cortejando em derredor o «Palito Metrico» que, ao fundo presidia; nos camarotes, raras figurinhas espreitavam apenas, á espera do momento em que fosse distinto assomarem á frente a fechar a grande ronda de Graça e de Beleza que o meu Poeta idealisára.

Lá fóra, as vozes bradavam mais alto.

—E' o Japão que chega, disse alguém.

—A' Turquia... acabaram do lado.

Sob as luzes em cacho e os olhos das mulheres que, n'um momento, pejaram as tribunas galantes, pareceu-me que a alegria passava de mão em mão, como uma taça de cristal onde o riso se contivesse para molhar todos os labios; dir-se-ia que apenas o meu amigo a recusára: é que ele esperava, para beber o claro riso dos seus dias grandes, a sortilega taça d'uns olhos que não surgiam...

Emtanto a revista, feita adrêde, principiava, chalaceante e inestetica; e todos nós

rimos quando pela côrte de Minerva entram, n'um cabeludo e descarnado corpo de bailadeiras, moços que amanhã serão os mais graves homens do paiz. Todos achámos depois, que o Carlos Sampaio e o Fração tinham graciosidades de verdadeiras mulheres; admirámos o terno fio de voz do Maldonado, a arte do Barros, a forte carnacção do Moreira d'Almeida, a graça de

alguns e a boavontade de todos. Ea alegria passava de mão em mão... N'um camarote perto de mim, uma mulher de Coimbra, de grandes olhos pretos, mais uma vez prendeu os meus olhos admiração da sua graça; quiz saber-lhe a idade; e, quando o perguntei, apenas me disseram:

—Ha doze anos, n'uma noite como esta, pertencer-lhe-ia o primeiro premio de beleza...

Ha doze anos! Fosse eu mestre na arte de esculpir ou de pintar que daria de bom grado a immortalidade das minhas obras pela posse d'esses doze anos de beleza inviolada...

Agora o Champagne

escorre dos gargalos doirados; ha mãos virtuosas que entornam na minha taça o veneno da embriaguez; e as mulheres todas perfidamente espionam o desequilibrio orgiaco dos moços.

... Mas eis que, de repente, seis tiros rasgam a bretanha d'essa atmosfera voluptuosa; ouve-se o tumulto da debandada; á porta, o Bossa boceja uma ironia diante d'uns mocinhos palidos; e o meu Poeta, mais triste do que nunca, murmura:

—«Como podia «aquilo» acabar bem, não vindo «Ela!»...»

Coimbra—Primavera de 1913.

JOÃO D'ALCÁGER.



Nectar e Ambrosia, (Afonso Botelho e Fernando de Barros).



# EM ARTILHARIA 7

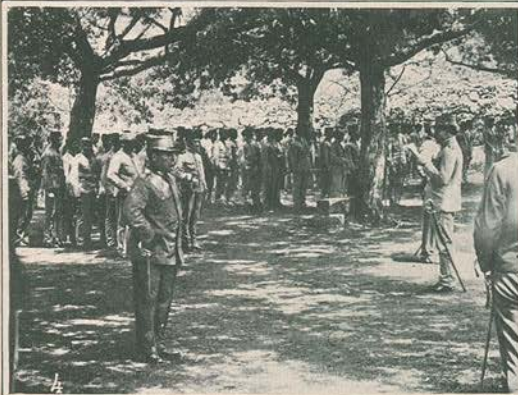
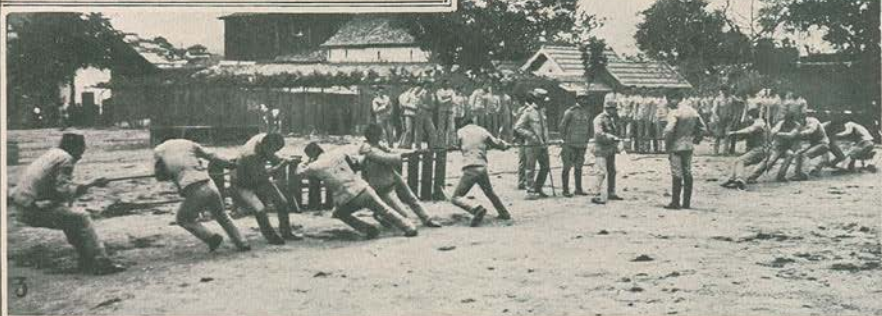
A festa do juramento de bandeiras em artilharia 7, aquartelada em Vizeu, foi uma das mais interessantes que se tem ultimamente realizado em diversos pontos do paiz e nas quaes sempre se demonstra, além das qualidades militares, o espirito de confraternisação que existe



1. O jury que presidiu ás provas desportivas no regimento de artilharia 7, aquartelado em Vizeu, quando do juramento de bandeiras.



no exercito. As festas foram presididas pelo general comandante da 2.ª divisão militar que enalteceu o seu valor e celebrou a ligação entre officiaes e soldados.



2. As provas de esgrima por sargentos.—3. Luta de tração pelos soldados.—4. A formatura do regimento á quaill assistiu o general sr. João Crisostomo Pereira Franco, comandante da 2.ª divisão militar.—5. Os tres soldados que obtiveram os premios nas corridas pedestres.—(Fotografias do distinto amator sr. J. M. Batalha.)

AS  
FAIANÇAS  
DE

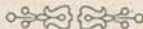


MANUEL  
GUSTAVO

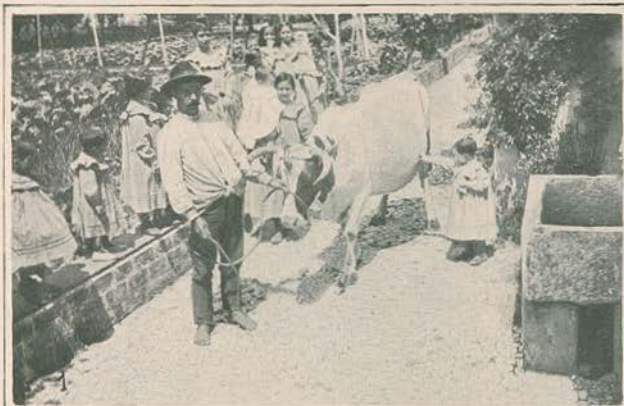
Abriu na passada quarta-feira a exposição de faianças artísticas de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, no seu «atelier» do Tesouro Velho. Manuel Gustavo, n'esta nova e brilhante demonstração das suas qualidades de oleiro d'arte apresenta novos modelos e novas formas de «potiches» que se caracterizam por uma extrema simplicidade de linhas e por uma sobria e nobre elegancia. São muito interessantes os baixos-relevos de animaes



nos belos pratos das fabulas; de grande efeito pela riqueza de tons do vidroso os «panneaux» decorativos; a urna das sereias, que vence uma difficuldade notavel de ceramica, é uma maravilha de modelado nas figuras delicadissimas do fauno e das naiades; o «S. Francisco e o Lobo», terra cota de muita expressão e movimento; a «Mofina Mendes», figurinha em barro vidroso, e pintado; as «maquettes» rapidas e impressivas do Amôr, e o S. Jorge, em que o dorso escamoso do monstro revêla tons suntuosos do vidroso, —são provas de mestre que honram por igual Manuel Gustavo e a olaria d'arte em Portugal. A «Ilustração Portuguesa» regista com prazer o successo da exposição do Tesouro Velho, sobre a qual paira, como uma sombra amiga e tutelar, a memoria saudosa de Rafael Bordalo.



1. A jarra das Sereias.—2. S. Francisco e o Lobo.—3. Grupo de faianças, entre as quaes se vê o *Gomil de Noirado e a Mofina Mendes.*—(L'Œuvre de Benoit)



## CARIDADE PARA COM AS CRIANÇAS

E' uma das mais benemeritas instituições este hospital para crianças, devido á iniciativa d'algumas senhoras da nossa primeira sociedade, á frente das quaes se encontra a sr.<sup>a</sup> marquessa do Faial, que recebeu este legado de sua mãe a falecida sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmela.

Ali se albergam muitos pequeninos e nos vastos jardins do hospital convalescem das suas enfermidades, ficando geralmente ali asiladas a receberem todo o conforto e todo o carinho que lhes dispensa a caridosa regente do estabelecimento.

1. As crianças brincando na vasta quinta do hospital. Um dos pequenitos acariciando a vaca que fornece o leite para os internados.



2



3. Madame Grigi, a regente do hospital.



2. As crianças brincando na horta.  
4. As crianças com a regente, no jardim do hospital.

(Clichés Benoitel).



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Josefina Terra Pinheiro e seu esposo, sr. Antonio Patricio da Terra Pinheiro, da ilha do Pico, legaram grande parte dos seus haveres para a construção d'um edificio hospitalar, cuja primeira pedra foi lançada em 2 de junho, diante das autoridades da vila e da cidade da Horta, capital do distrito.

Outros legados auxiliam



tambem a edificação destinada aos pobres e que representa um grande melhoramento n'aquella

região. As festividades para o lançamento da primeira pedra foram revestidas do maior cerimonial a que se juntou o entusiasmo do povo agradecido ante esta generosa iniciativa que tanto o beneficia.



1. O povo esperando as autoridades os convidados.—2. O tenente da armada, sr. Augusto Goulart de Meleiros, comandante da *Agôr*, dizendo o seu discurso.—3. O senador, sr. José Machado Serpa, discursando.—4. O arco marcando a porta do futuro hospital por ocasião do lançamento da primeira pedra. (Fotografias do amador sr. Antonio Francisco da Rosa).

# NO PARAIZO DO OIRO NEGRO

AMAZONIA

Só vendo se acredita na magnificência da Amazonia. Por maior que seja o poder descriptivo, não consegue dar, sequer, uma palida idéa do Estado brasileiro, onde cabem quatro das maiores nações europeias. Não ha viajante, por

rio Solimões, a nossa alma extasia-se perante a exuberancia de tantos dons naturais, em que não salbemos que mais admirar: se a flóra multicolor, se a esplendidez faunésca que provôa as florestas. O homem, em face da natureza



mais inculto, que não fique maravilhado com a vastidão dos horisontes amazonicos, nem caminheiro estudioso que não apanhe de *visú* elementos que subsidiem a historia ethnografica do famoso

amazonica, sente-se fraco e pequeno, tantas e taes são as forças que o subjugam; mas o que factó é que essas mesmas forças ao passo que o dominam teem para ele encantos varrios, pois,



1. Um trecho pitoresco da região.—2. O Rio Negro na enchente.—3. Boca do rio Solimões..

territorio que tão agradavelmente suggestionou o grande cientista Eliséé Réclus.

Desde o Estreito de Brèves até á foz do

aos poucos, ele se transforma de escravo em senhor, arrancando do seio ubérrimo da Amazonia os seus filões, inexgotaveis.



Aos anos que dura esta luta! Quantas vidas hão ido na voragem de orgias produtoras e sonhos desfeitos! E' que em nenhuma outra parte do globo a luta entre o homem e a natureza pujante é tão desigual. Brigam ambos para ambos vencerem. O braço herculeo vencendo a rudeza dos plantios. O solo sulcando-se de veios frutificantes. E tudo isto acaba n'uma colaboração amiga, n'uma permuta de esforços e energias gastas: a terra dando ao homem o que ele soube captar-lhe inteligentemente.

Por todo o vale do Amazonas existem elementos de vida. Não ha recanto que se não ofereça prehe de seiva. O braço do homem tem sa-



são, porém, ainda suficientes para o povoarem. Ha leguas e leguas que pés humanos inda não pizaram. Nas margens dos rios é que se nota maiores aglomerados em busca de fortuna.

Os grandes cacaoes estendem-se por toda a orla do Amazonas até se perderem na foz do rio Negro onde principiam as florestas das arvores d'ouro. Ai são, propriamente, as fronteiras do «Pays de L'or noir,» como lhe chamou o explorador Paulo Vale. Nos imensos territorios d'esse paiz ha de tudo que o homem necessita. A estupenda fertilidade das terras amazonenses é já proverbial. A agricultura tem de futuro vasto campo de analise e proveito. Certos



1. No lago Jannarg, esplendor da *Vitoria Regia*.—2. Palmeira Buriti, Maurilia Flexuosa.—3. Uma represa na cachoeira grande.

bido apoderar-se de tudo o que possa enriquece-lo. As grandes correntes migratorias, espalhadas pelo solo amazonense não

cere es e gramineas, que nas zonas mais favorecidas do Brasil, só permitem uma ou duas colheitas anuaes, ali frutificam tres e



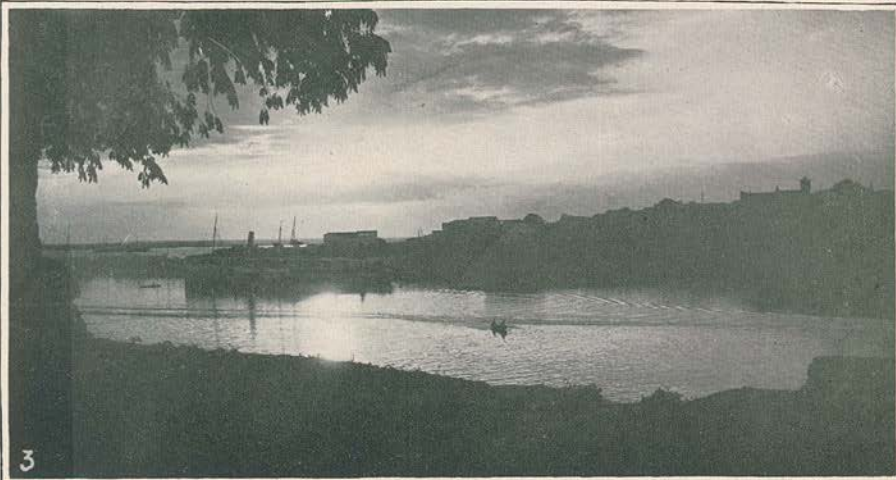
Casa de seringueiras.



portuguez, que podendo empregar pequenos capitaes fica com a certeza de que os campos arroteados sabem corresponder á sua energia de produtor secular.

De todas as culturas amazonicas, a que mais propagada está é a da borracha. A celebre *HEVEA BRASILIENSIS*, a arvore da seringueira, tem sido a riqueza do Amazonas. Por varias circunstancias que nada importam ao fim d'este artigo, hej mais do que nunca ela está sendo alvo de importantes discussões tendentes a torna-la mais valiosa ainda. O grande publico quasi desconhece como nasce e se fabrica a goma elastica ou leite de seringueira. Os processos, inda que hajam evoluído, quasi são os mesmos de outr'ora. Para obter o *lactex*, o seringueiro mune-se de um machadinho de fórma especial, cujo fio não tem mais de 3 cm. de comprimento. Começa por limpar a casca, e depois faz uma duzia de entalhes pouco profundos, uns verticaes, outros obliquos, outros ainda em fórma de V. Colocadas as tigelinhas, o precioso e coagulante liquido escorre deva-

quatro vezes ao mesmo tempo. A cana de assucar, por exemplo, planta-se no Amazonas uma vez por todas, alcançando fenomenal resultado. O feijão e o milho, a mandioca, a batata, os fculentos em geral, em parte alguma germinam com tanto vigor e rapidez. A cultura do arroz será incalcula-



1. Hevea Brasiliensis a arvore da seringueira.—2. Amazonas em viagem.—3. O Pôr do Sol no Rio Negro.

vel em futuro não muito longinquo. Em suma, o problema da agricultura está soluçionando-se com enorme vantagem para o colono

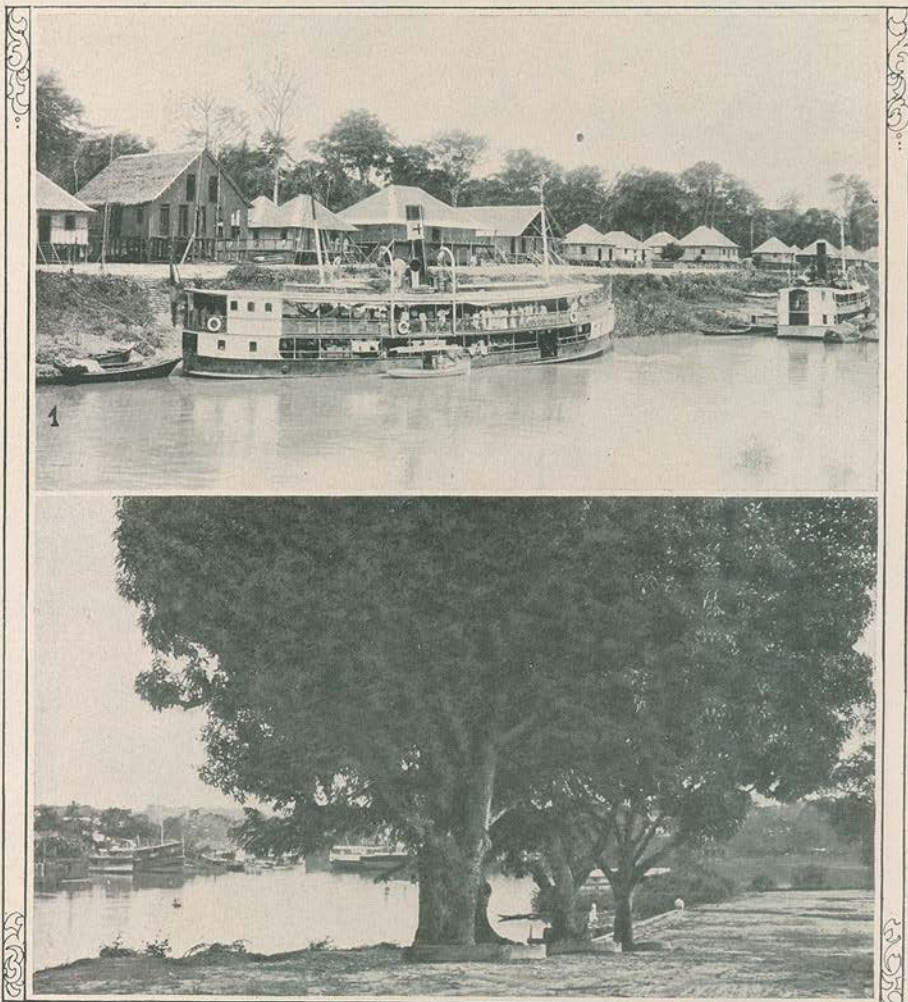
gar. De seguida muda-o para umas latas grandes nas quaes o leva para a barraca onde o liquido coagulado de todo se tornou



borracha. Procede, então, ao defumamento. Livre de todas as impurezas amontôa-a para seguir para bordo dos «gaiolas», pequenos barcos que a conduzem a Manaus. Aqui é feito o beneficiamento da borracha, abrindo-se-lhe as entranhas e expondo-a para a contagem. Realizado esse trabalho, vai para os armazens que a negociam a terceiros e... assim por diante, até que pelo mundo afóra se transforma em tudo o que o leitor sabe que o famoso latex se tornou, ignorando,

por um longo período. As inundações não a prejudicam, desde que o solo seja de tal natureza que a infiltração vagarosamente produza, e que quando se afaste a água de sobre a superfície das terras se não tenha ainda produzido o máximo a que a saturação possa atingir. Por abundantes que sejam as chuvas, e por elevado que seja o estado hidrométrico do ar, a HEVEA cresce em um solo cabalmente rico.

A vida no Amazonas é intensíssima. As



1. Foz do Murú. Junca com os barcos chamados *gaiolas* atracados na margem.—2. *Constantinópolis* no Baixo Amazonas. (Todos os clichês foram oferecidos à *ILUSTRAÇÃO* pela casa G. Huebner & Amaral. Fotografos em Manaus e Rio de Janeiro)

talvez, que é feita á custa de muita lagrima e de muita vida...

A *HEVEA BRASILIENSIS* é uma das mais admiráveis arvores do mundo, no que respeita á adaptabilidade. Existindo humidade e uma favoravel soma de condições vitais, cresce, perfeita e vigorosamente, em toda a parte. Mostra, porém, o seu mais amplo desenvolvimento nos ricos solos de aluvião. Jámais floresce onde a agua possa permacer

grandes explorações acreanas tem desenvolvido, extraordinariamente, o rico Estado do norte do Brasil. E' de crer que o futuro do Acre seja dos mais risonhos e prometedores. E como não hade ser assim se todas as atenções se voltam para ele, na esperança de que é no Amazonas que está o futuro nortista?

Manaus—Maio 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

# Figuras e Factos



1. Sr. João Bastos.—  
2. Sr. Ernesto Rodrigues.—  
3. Felix Bermudes.—  
4. Uma cena da revista *De Capote e Lenço*, original de João Bastos, Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes com musicados



maestros Filipe Duarte e Calderon em cena no teatro Republica.—  
5. Maestro Calderon.—  
6. Sr. Lino Ferreira, emprezario que explora o Republica na época de verão.—  
7. Filipe Duarte. (*Clôchê Renôciê*)



O GRUPO CORAL ORGANIZADO EM ELVAS SOB A REGENCIA DO DISTINTO AMADOR MUSICAL SR. DR. ALBERTO DE MORAES E QUE DEU DOIS ESPLÊNDIDOS CONCERTOS NO CLUBE ELVENSE: Da esquerda para a direita, 1.º plano, Sr.ª D. Ana Caldeira, D. Maria Julia Abreu, D. Ana Corado Caldeira, D. Ana Ferreira, D. Julia Pestana, D. Maria Joana da Silva, D. Cozaltina Barreto, D. Izaura Sequeira, D. Otília Duque, D. Celeste Lopes e D. Sofia Sequeira. 2.º plano: tenente Montenegro Lobo, sr.ª D. Adriana Botelho, sr. Julio Botelho, sr.ª D. Beatriz Rebelo, D. Maria Almada, Capitão sr. Acacio Nunes, D. Maria Nunes, D. Josefina Nunes da Silva, D. Rosa Barrozo de Moraes, D. Margarida Baena, aspirante sr. Raul Cerveira, sr. Avelino Antunes, sr. Antonio Sequeira, sr. Adolfo de Figueiredo, sr. Manoel Lopes. 3.º plano: srs. tenente Castro Freire, Augusto Oliveira, dr. Raul Rebelo, José David Nunes da Silva, dr. Alberto de Moraes (organizador e director artistico), José da Silva, Filipe Calola e Joaquim Rosado e Silva. Fazem tambem parte do grupo mas não puderam entrar n'esta fotografia os srs. alferes Protes da Fonseca e aspirante Kruss Gomes.



1. Sr. dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso, advogado, falecido em Lisboa. — 2. Alferes de infantaria, sr. Eduardo Amaro, falecido no sanatório da Guarda. — 3. Sr.ª D. Manuela Monteiro d'Azevedo Barata, esposa do alferes de infantaria 7. sr. Manuel Fernandes Barata, e que faleceu em Leiria. — 4. Sr. dr. Francisco José de Sousa e Castro, falecido em Lagos. — 5. O cavaleiro tanto maquico amador, sr. Antonio Nobre Infante, falecido na ilha da Madeira.

José Maria dos Santos, que faleceu em 19 de junho, foi um prodígio trabalhador. Realisou, na nossa terra, o milagre de dar a Portugal uma supremacia: a da vinha. O grande lavrador possuía a maior vinha do mundo, cuidada, tratada com desvelos sem par n'um solo abençoado e possuía também a mais vasta e uma das melhores adegas da Europa.

Tudo aquilo nasceu d'uma fortuna larga,

vinda do seu consorcio com a viuva do milionario S. Romão, de capitães grandes, mas que ele soube multiplicar com um trabalho inteligente, tirando da terra tudo o que



O importantíssimo lavrador sr. José Maria dos Santos, falecido em 19 de junho.

ela lhe podia dar, aumentando as suas propriedades nas quaes movia exercitos de trabalhadores, tanto nas vinhas de Rio Frio, como nas herdades alemtejanas, grandes como domínios senhoriaes e que fazem calcular a sua fortuna em perto de dez mil contos, cifra que, todavia, só se averiguará quando os herdeiros do grande lavrador pagarem ao Estado os direitos de transmissão.



O senador Carlos Calixto, falecido em 21 de junho.

O senador Carlos Calixto, que faleceu em 21 de junho, foi jornalista e occupava actualmente o lugar de sub-diretor da secretaria do Congresso, cargo para o que o nomeára o governo da Republica, cujo programma sempre defendera, estando depois do advento das novas instituições filiado no partido evolucionista.

A sua especialidade no jornalismo era a das secções desportivas, tendo sido um dos primeiros propagandistas do «sport» em Portugal e cultivando-o com esmero. Acometido de doença subita, faleceu no hospital de S. José e o seu funeral foi uma



Aspêto do funeral do sr. José Maria dos Santos. — (Cliché de Benoit)

sentida manifestação de saudade dos seus colegas e correligionarios.



Retrato da sr.ª D. Constantina Veiga, quadro de Simão da Veiga, que obteve a 3.ª medalha este ano no Salon de Paris, honra até agora só conferida tres vezes a artistas portuguezes tendo sido os outros assim distinguidos Salgado e Souza Pinto.



Sr. Simbaldo Francisco Vescelau Gracias, consul de Portugal em Havaí distinctissimo funcionario que desde 1885 reside n'aquella ilha, tendo recebido as maiores demonstrações d'apreço e sete condecorações dos governos anamita, chinês e francez.



O professorado do concelho de Penamacôr reunido com o seu inspetor n'aquella vila: 1. Inspetor, sr. Jaime M. Pinto, 2. Sr.ª D. Maria do E. Neto, 3. D. Gervasia d'A. Costa, 4. D. Ana J. Delgado, 5. D. Maria da G. Martins, 6. D. Rossalia Marão, 7. D. Alexandrina F. de Novaes, 8. D. Maria L. da Silva, 9. Srs. Manuel J. Mantrigas, 10. Antonio M. da Fonseca, 11. José J. da Fonseca, 12. Manuel Carvalho, 13. José L. Dias, 14. José N. Ramos, 15. José A. Alves, 16. Vasco Elvas, 17. José J. Leitão, 18. Manuel M. Leitão, 19. Luiz Esteves, 20. Manuel Moreira.



Os funeraes de Vladimiro Pinto e de Alvaro Rodrigues vítimas do atentado da rua do Carmo.

O aviador Manio, que foi vítima do desastre sucedido ao seu aeroplano que o precipitou da altura de trezentos metros, teve um funeral imponente no qual se encorporaram muitos membros da colonia italiana que acompanharam o feretro até á igreja do Loreto d'onde foi transportado para Inglaterra.

O funeral das vítimas da explosão da bomba da rua do Carmo teve uma nota de imponência tendo-se feito representar, além do governo e do municipio, diversas colectividades que assim prestaram a sua homenagem aos desditosos que faleceram em virtude d'aquelle miseravel atentado.



Os bombeiros voluntarios conduzindo o endaver do aviador Manio.

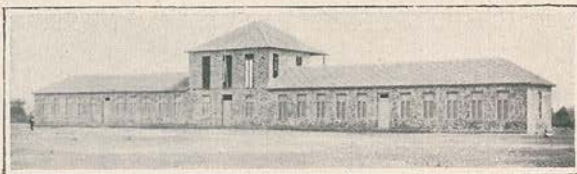


Os feretros do aviador Manio a caminho do Loreto. — (Cliché de Benoitel)

# A instrução publica nas colonias



Não só no continente mas também nas possessões se tem desenvolvido a instrução, sendo auxiliados os seus progressos por parte das sociedades particulares algumas vezes, completando assim as iniciativas do Estado.



Os edificios escolares de Benguela e a escola profissional de Loanda, a sim como asult mas reuniões escolares de Mossamedes são a prova de como nas colonias se olha este assunto indispensavel para a vida nacional.



1. Os alunos da escola profissional indigena Rita Norton de Matos em Loanda: ao centro do grupo mademoiselle Norton de Matos sob cuja patronagem a escola funciona. — 2. Edificio da escola da Liga Nacional da Instrução em Benguela. — 3. Alguns escolares de Mossamedes depois da festa a que presidiu o governador geral da provincia major sr. José Ribeiro Norton de Matos.

# Desafios de Foot-Ball entre Franceses e Portuguezes

No campo de Palhavã tem-se já realizado desafios celebres que são falados depois internacionalmente entre os amadores de *foot-ball*, nos clubs da especialidade que tanto se tem propagado entre nós. Ultimamente aquele campo viu uma numerosa concorrência a assistir aos desafios entre os jogadores



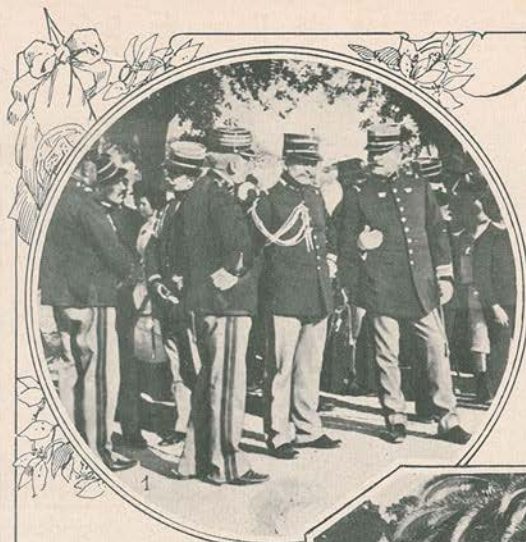
Um bom pontapé na bola.

nacionais e os do *Read Star* que são dos melhores de França. No encontro com o *Club Imperio* ficou aquele vencedor por 4 *goals* contra 2 e no torneio contra a Associação de *Foot Ball* foi esta que venceu por 4 *goals* contra 1 que os franceses conseguiram depois d'uma brilhante luta.



Os grupos dos jogadores francezes e portuguezes. (Clubs de Benolite)

## No Collegio Militar



A entrega da nova bandeira ao batalhão dos alunos do Collegio Militar foi uma cerimonia imponentissima, destinada a levantar bem alto o brio e a premiar as qualidades de trabalho dos nossos futuros officaes.

A entrada da nova bandeira nas fileiras causou uma profunda comoção nos rapazes, que a saudaram militarmente sem poderem esconder o fremito que os percorria ante o simbolo da patria que todos eles juraram defender e glorificar.

Foi o que fez sentir, com um grande entusiasmo, o aluno Aresta Branco ao dirigir-se aos seus camaradas e logo o capitão, sr. Chagas Franco, n'uma allocução cheia de patriotismo, antes da distribuição dos cincoenta premios por aproveitamen-

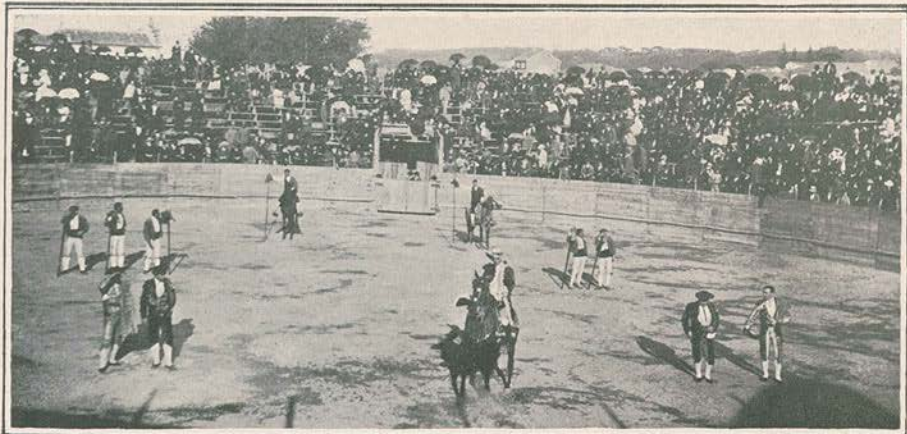
O sr. ministro da guerra, com o general da divisão e o comandante do Collegio Militar, assistindo aos exercicios desportivos dos alunos.

to literario e cultura fisica, entre os quaes havia quatro pecuniarios, assim como onze medalhas d'ouro.

As provas desportivas foram muito apreciadas, bem como a exposição dos trabalhos dos alunos de veras surpreendente com as suas construções curiosas, entre as quaes figuravam um aeroplano e um submersivel engenhosamente modelados.



A nova bandeira, conduzida entre o batalhão d'alunos.  
(Cliché Benoitel).

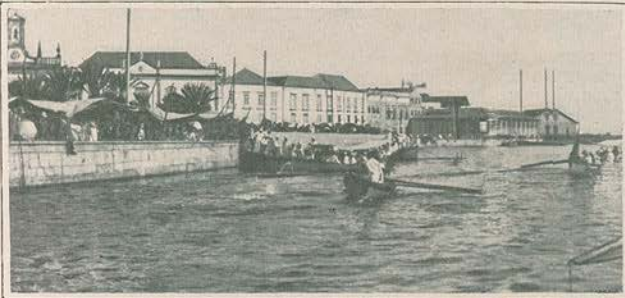


A péto da tourada realisada em Vizeu por occasião das festas da cidade que foram revestidas d'um grande brilhantismo, tendo a traído muitos forasteiros: José Casimiro, fazendo as cortezias.  
(Cliché do illustrado amador sr. J. Batalha).



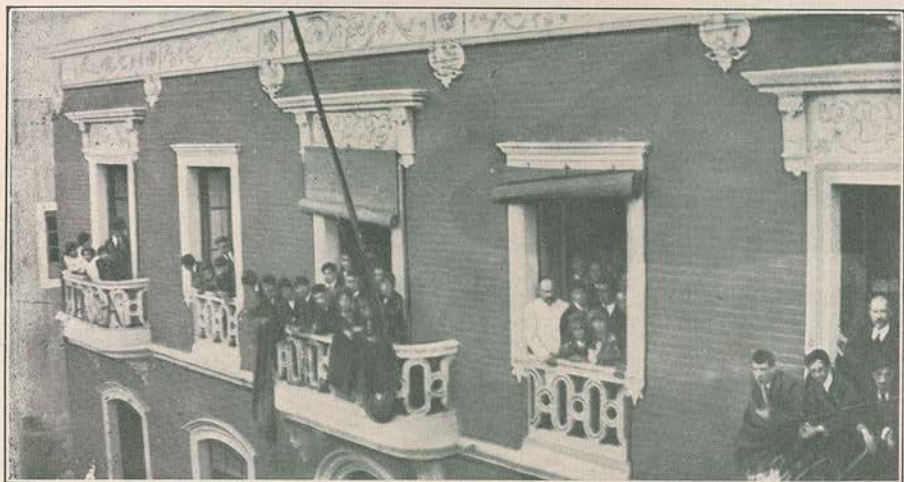
## A excursão dos estudantes do liceu de Beja

Poucos liceus como o de Beja podem gabar-se de votar cuidados especiais á instrução pratica dos seus alunos, principalmente á que se ministra por meio das excursões que constituem



Na ria de Faro. A chegada dos excursionistas do liceu de Beja.

nente Eduardo Antonio da Silva Valente, que também é um fotografo amador muito apreciado. Em Faro, os excursionistas visitaram, entre outros estabelecimentos, o liceu João de Deus,



Grupo dos estudantes tirado do 2.º andar d'uma casa fronteira ao hotel *Fonda de la Campana*, de Aiamonte, onde estiveram hospedados os excursionistas.

tambem um ótimo exercicio higienico.

A excursão ao Algarve, realisada o mez passado, representou um magnifico ensinamento e uma distração para os alunos da 4.ª e 5.ª classes, em numero de 35, acompanhados dos seus distintos professores, srs. Domingos Antonio Vaz Madeira, reitor do liceu, João Antonio da Silva e te-



Regatas na ria de Faro por occasião da excursão.

(Clichê do distinto fotografo amador e professor do liceu tenente sr. Eduardo M. da Silva Valente)

tarão Aiamonte, d'onde trou-

xeram igualmente as melhores impressões.

o museu maritimo e a fabrica da energia electrica. Em Vila Real de Santo Antonio visitaram um a grande fabrica de laboração complexa, porque n'ela se fabricam simultaneamente tecidos, conservas e adubos.

Os excursionistas

tambem vis-

# TAÇA DE HONRA

A gravura que damos n'esta pagina representa a taça de honra, conferida em primeiro premio no concurso hipico, ultimamente realizado no Porto.

É um vaso de fôrma grega, admiravelmente lancado, com ornamentações em estilo Luiz XVI, que de uma maneira surpreendente se associam ás linhas do vulto.

Da extremidade superior do punho, nasce um esbelto calice tulipado em folhas de acanto, sobre o qual assenta a parte principal do bojo, terminando para cima em gracioso côlo, coroadado por uma tampa hermetica. De cada uma das azas, tambem em folhas de acanto, pende uma grinalda afestoadada, abraçando amorosamente a garganta da ambula.

A parte mais episodica d'esta lindissima peça é a que realisa a maior largura, perfeitamente cilindrica. Está dividida em seis paineis, dois maiores e quatro mais pequenos. No painel central anterior, que a gravura nos oferece á vista, ha a figura de um cavaleiro vencendo um obstaculo; e no painel central posterior, a inscrição do Club Hipico do Porto.

Os restantes paineis vêem-se dispostos, dois a dois, ladeando as azas e representando diversos accessorios hipicos.

Do todo, como é facil notar, resulta um conjunto formosissimo, que dá á taça o valor de uma obra de arte original, cheia de vida e de encanto, de recorte elegante e recamada de opulentos detalhes.

Mas se a concepção é bela, não o é menos a execução, que pôde considerar-se um verdadeiro primor. O «repousé», em toda a parte se encontra impecavel, tratado com extrema delicadeza pelo cinzel de artistas eximios.

Não se desco-



A Taça d'Honra, que mede 72 centimetros d'altura, foi o 1.º premio do concurso hipico do Porto e oferta do Club Hipico da capital do norte, que o promoveu.

bre na fátura escrupulosa d'essa taça vestigio algum de uma obra de mera industria, mercenariamente feita em obediencia ao lucro do fabrico; ha mais e muito mais: ha o apurado gosto artistico dos srs. Miranda & Filhos, sempre caracteristico das obras que

saem das suas magnificas officinas, ha a aptidão invulgar do seu pessoal, ha o estudo, a aspiração, o fino criterio estetico, emfim, aquele sentimento de superioridade tecnica que gera as obras

de alto valor.

Era de esperar, portanto, que a illustre direção do Club Hipico do Porto escolhesse e preferisse, para o de-

lineamento e execução da sua taça de honra, a casa dos srs. Miranda & Filhos, cujos trabalhos se destacam pela perfeição e pela beleza, e que na exposição ha pouco efetuada nas salas do estabelecimento, á rua 31 de janeiro, foram geralmente admirados. D'essa exposição publicou a «Ilustração Portuguesa» uma larga noticia documentada e incontestavelmente demonstrativa.

Não será esta ainda a ultima vez que teremos de aludir ás preciosidades artisticas da casa Miranda & Filhos.

Nas suas vastas e modelares officinas trabalha-se constante, intensa e cuidadosamente, acentuando-se, de dia para dia, progressos visiveis nas artes de ourivesaria, joalheria e argentaria, graças aos esforços, ao talento e ao entusiasmo que estes distintos cultores de joias artisticas teem posto ao serviço da sua preciosa produção.

A «Ilustração Portuguesa» dando hoje á estampa este precioso exemplar da ourivesaria portuense, presta assim o seu aplauso a tão artistico trabalho.